

# *AMOR E PÁTRIA*

*Joaquim Manuel de Macedo*

## **Personagens**

Plácido  
Prudêncio  
Luciano  
Velasco  
Afonsina  
Leonídia  
Senhoras e Cavalheiros  
Povo

A ação se passa no dia 15 de Setembro de 1822.

## **Drama em Um Ato**

### **Ato Único**

*O teatro representa uma sala ornada com luxo e esmero em relação à época. Duas portas ao fundo, uma dando saída para a rua, e outra comunicando com uma sala; portas à direita; janelas à esquerda.*

#### **- Cena Primeira -**

PLÁCIDO, PRUDÊNCIO, LEONÍDIA e AFONSINA, que observa curiosa uma caixa que está sobre uma cadeira, e a porta da sala do fundo que se acha fechada.

**Plácido** - Ela já nem pode disfarçar a curiosidade que a atormenta; tem andado em volta da caixa mais de quatro vezes.

**Leonídia** - Coitadinha! Aquilo é tão natural na sua idade...

**Prudêncio** - Acrescente-lhe: e no seu sexo... Nunca vi pais tão desfrutáveis!

**Plácido** - Agora lá vai ela direitinha olhar pelo buraco da fechadura da porta: então que disse eu?...

**Leonídia** - Faz-me pena vê-la assim martirizando-se.

**Plácido** - É para que no fim ainda mais agradável e completa lhe seja a surpresa.

**Prudêncio** - E vocês acham muito bonito o que está fazendo minha sobrinha?...

**Plácido** - Então que lhe acha, senhor tenente rabugento?...

**Prudêncio** - Nada: apenas uma comédia em que uma sala trancada e uma caixa fechada fazem lembrar o pomo vedado, e em que Afonsina representa o papel de Eva e minha irmã e meu cunhado o da serpente tentadora ou do diabo, que é a mesma coisa.

**Leonídia** - Este meu irmão tem lembranças felizes!

**Prudêncio** - Vocês hão de acabar por perder completamente aquela menina! O senhor meu cunhado com as idéias que trouxe da sua viagem à França e a senhora minha irmã com a sua cegueira de mãe extremosa, deram-lhe uma educação como se a quisessem para doutora de borla e capelo: fizeram-na aprender tudo quanto ela podia ignorar, e a deixaram em jejum a respeito do que devia saber. Assim, minha sobrinha dança melhor do que as bailarinas do teatro de S. João; toca o seu cravo a ponto de admirar ao padre José Maurício: canta e gorjeia que parece um dos italianos da capela real; conversa com os homens como se eles fossem mulheres; é capaz de discutir sobre teologia com Frei Sampaio, e sobre arte militar com o general Corado; mais se lhe perguntarem como se toma ponto a uma das meias, como se prepara um bom jantar, como se governa uma casa, espicha-se completamente: eu até aposto que ela não sabe rezar.

**Leonídia** - Afonsina é um tesouro de talentos e de virtudes, e você na passa de uma má língua.

**Prudêncio** - Oh! Pois não! Nem os sete sábios da Grécia lhe dão volta! Ela faz versos como o defunto padre Caldas; fala em política e é tão eloqüente como o Antônio Carlos; é tão revolucionária como o Barata... Não sei por que ainda não quis se deputado às cortes!...

Havemos de lá chegar: creio, porém, que já escreve seus artigos para o *Reverbero*, e que para isso está de inteligência com o Ledo e o padre Januário: até bem pode ser que vocês já a tenham feito pedreira livre, e que a menina fale com o diabo à meia-noite.

**Afonsina** (*Vem à frente*) - Minha mãe...

**Leonídia** - Que tens, Afonsina? Pareces-me triste...

**Plácido** - É verdade, minha filha: que quer dizer esse ar melancólico no dia dos teus anos, e quando te preparamos uma bela festa?...

**Afonsina** - É que ...eu...meu pai, eu não posso mais...

**Prudêncio** - *Talis arbor, talis fructus!* De um casal sem juízo na podia nascer senão uma doidinha.

**Leonídia** - Mas que te falta, dize?

**Afonsina** - Ah! Minha mãe, aquela sala e esta caixa atormentam-me, exasperam-me...

**Prudêncio** - Andem depressa...andem...satisfaçam a curiosidade da menina, antes que ela arranje algum faniquito.

**Plácido** - E que tens que ver com aquela sala e com essa caixa?...

**Afonsina** - É uma curiosidade bem natural: esta caixa, que está fechada, talvez contenha algum objeto interessante, e aquela porta, que e sempre esteve aberta e que hoje

amanheceu trancada, encerra necessariamente algum mistério, e portanto...

**Prudêncio** - Vamos à conseqüência, que há se ser sublime!...

**Afonsina** - A conseqüência, meu tio?... Ei-la, aí vai:

Deixar de ser curiosa  
Por certo não está em mim:  
É pecado feminino,  
Por força hei de ser assim.

O que em todas se perdoa,  
Também se desculpe em mim:  
Mamãe sabe que as mulheres  
São todas, todas assim.

Mamãe, aquela caixa,  
Papai, aquela sala,  
Encerram um segredo  
Que o meu sossego abala.

*Juntamente*

**Afonsina** -  
Saber desejo  
O qu'ali'stá;  
Eu sou teimosa,  
Sou curiosa  
Sou caprichosa,  
Sou artilosa,  
Serei vaidosa;  
Mas não sou má.

**Plácido e Leonídia** -  
Ninguém lhe diga  
O qu'ali'stá;  
Será teimosa  
E curiosa,  
E caprichosa,  
E artilosa;  
Será vaidosa:  
Mas não és má.

**Prudêncio** -  
Ninguém lhe diga  
O qu'ali'stá;  
Tu és teimosa  
E curiosa,  
E caprichosa,  
E artilosa,  
Muito vaidosa,  
E também má.  
Não foras tu mulher, minha rica sobrinha!

**Afonsina** - Meu tio, não é muito que eu tenha um defeito que é comum nas mulheres, quando falta à vossa mercê uma das primeiras virtudes dos homens.

**Plácido** - Afonsina!

**Prudêncio** - **Deixem falar a retórica; diga lá, minha senhora: qual é então essa virtude que me falta?**

**Afonsina** - É a coragem, meu tio.

**Prudêncio** - Ora, fico-lhe muito obrigado! Sou um grandíssimo poltrão, porque não entro em revoluções nem em bernardas, e guardo a minha espada de tenente de ordenanças para as grandes crises e os momentos supremos?

**Afonsina** - Então é bem para reçar que a sua espada fique eternamente na bainha.

**Prudêncio** - Pode fazer o favor de dizer por quê?

**Afonsina** - É bem simples: é porque vossa mercê nem considera momento supremo aquele em que se trata da regeneração e da independência da pátria.

**Prudêncio** - E eu creio que era mais próprio da senhora ocupar-se com bilros e agulhas, do que com independências e regenerações políticas: uma mulher metida em negócios do Estado, é capaz de transformar a nação em casa de Orates.

**Afonsina** - Porém, meu tio, olhe que nem por isso o momento deixa de ser supremo, e é preciso que nos dê provas do seu valor.

**Prudêncio** - Provavelmente quer que eu deite a correr pelas ruas, dando vivas ao que não entendo e morras a quem nunca me fez mal, e que me exponha a ter a sorte do Tiradentes, como está fazendo o seu querido Luciano, que é um doido de pedras.

**Leonídia** - Mano Prudêncio, atenda ao que diz!

**Plácido** - Luciano cumpre o seu dever: a causa que adotou é a de sua pátria, e se morrer por ela será um mártir, um herói; nunca, porém, um louco.

**Prudêncio** - Pode-se bem servir à pátria sem fazer traquinadas.

**Afonsina** - É verdade; meu tio tem razão: Luciano é um louco, e ele um homem de muito juízo, de uma bravura e de um patriotismo como nunca vi!

**Prudêncio** - A senhora parece que quer divertir-se comigo?

**Afonsina** - Eu quero somente recordar agora alguns fatos. A nove de janeiro deste ano, o senado da câmara foi, em nome do povo, representar ao príncipe contra a sua retirada do Brasil; não houve um só patriota que não corresse ao largo do Paço; meu tio, o momento era supremo e quando se ouviu repetir o glorioso - Fico - do Príncipe, o primeiro que o saudou com um viva entusiástico foi Luciano, e entre aqueles que responderam a esse brado patriótico, ouvi dizer que não se achava meu tio.

**Prudêncio** - Estava retido em casa com um ataque de maleitas.

**Plácido** (*A Leonídia*) - Afonsina esqueceu-se da sala e da caixa.

**Leonídia** (*A Plácido*) - Pois se foram ofender o seu Luciano!

**Afonsina** - Dois dias depois, a onze de janeiro, Avilez e as tropas lusitanas ocuparam o morro do Castelo; a luta parecia dever começar; os brasileiros correram para o campo de Santana e Luciano foi o chefe de uma companhia de voluntários. Meu tio, o momento era outra vez supremo, e ouvi dizer que vossa mercê não apareceu durante três dias.

**Prudêncio** - Estava de erisipela, senão veriam!

**Plácido** (*A Leonídia*) - Olha a cara com que está o mano Prudêncio.

**Leonídia** (*A Plácido*) - Bem feito: é para não ser bazófia.

**Afonsina** - Mas Avilez retirou-se com os seus para a Praia Grande; o perigo não tinha ainda passado, e no campo do Barreto reuniram-se as milícias brasileiras e as falanges dos patriotas: Luciano, à frente dos seus bravos companheiros, lá se achou pronto para o combate e fiel à causa da pátria. Ah! Meu tio, o momento era de novo ou continuava a ser supremo, e eu ouvi dizer que não houve quem pudesse descobrir onde vossa mercê se escondia.

**Prudêncio** - Achava-me atacado de reumatismo nas pernas.

**Afonsina** - Ah! É que vossa mercê é um compêndio de todas as moléstias, e eu tenho reparado que sempre adoce a propósito!

**Prudêncio** - Eu sou o que diz o meu nome: Prudêncio! O homem da prudência; não hei de nunca desonrar a minha espada de tenente de ordenanças em bernardas de pouco mais ou menos; chegue, porém, o dia de uma grande e verdadeira batalha, em que haja cargas de cavalaria, descargas de infantaria, trovoadas de artilharia, e verão como brilho no meu elemento!

**Afonsina** - Com vossa mercê na batalha há de haver por força uma carnagem horrorosa!

**Plácido, Leonídia e Afonsina**, *juntamente*.

Se os tambores rufassem deveras,  
À peleja os guerreiros chamando,  
O tenente Prudêncio, chorando,  
Fugiria medroso e poltrão.

**Prudêncio** - Não! não! não!

Se os tambores rufassem deveras,  
À peleja os guerreiros chamando,  
Meu ginete veloz cavalgando,  
Eu voara com a espada na mão.

Façam de conta  
Que negra afronta

Sem mais tardar  
Corro a vingar.  
A uns degolo,  
Outros esfolo,  
Outros imolo,  
Sem trepidar.  
Zás! Cutilada!  
Zás! Estocada!  
Zás! Pistolada!  
Sem descansar:  
E derribando,  
E cutilando,  
E decepando  
Sem respirar,  
Só me detenho  
No fero empenho,  
Quando não tenho  
Mais quem matar.

*(Ouve-se o rufar de tambores)*  
*(Assusta-se)* Misericórdia! Que é isto?

**Plácido, Leonídia e Afonsina** - Avante! Avante! Prossiga!  
Chama o tambor os guerreiros!

**Prudêncio** - Estou com dor de barriga.

**Leonídia** - Que tremor é esse, mano Prudêncio? dir-se-ia que tem medo!

**Prudêncio** - Não é medo, não; mas vocês sabem que eu sou muito nervoso, e assim...um rufar de repente...

**Afonsina** *(Que tem ido à janela)* - Sossegue, meu tio: é apenas a guarda do paço que se vai render.

**Prudêncio** - E quem foi que se assustou aqui?

O rufo dos tambores  
Exalta o meu valor  
Com a durindana em punho,  
Nas asas do furor,  
Eu levo aos inimigos  
A morte e o terror.

**Plácido, Leonídia e Afonsina, juntamente**

O rufo dos tambores  
Abate o seu valor;  
Não sabe mais da espada,  
Tem medo e não furor,

E em dores de barriga  
Disfarça o seu terror.

**Afonsina** - Realmente, meu tio, vossa mercê vale os doze Pares de França juntos!

**Prudêncio** - Eu sou assim; sou o homem das grandes ocasiões!

**- Cena II -  
Os precedentes e Luciano**

**Luciano** - Mas o pior é, tio Prudêncio, que as suas grandes ocasiões não chegam nunca.

**Prudêncio** - Ora, eis aí o senhor espalha-brasas conosco! Faça coro ali com a senhora, e venha também divertir-se comigo.

**Luciano** - Nada de amofinar-se; o dia de hoje é de festa, e portanto não se enfade.

**Plácido** - Entretanto, vejo-te de chapéu na mão, e disposto a roubar a Afonsina algumas horas de um dia, que deveria ser todo consagrado a ela.

**Luciano** - Meu pai, eu conto com o perdão de Afonsina e com o seu, asseverando que somente motivos da mais grave importância me obrigam a sair por uma hora.

**Prudêncio** - Oh! Pois não! O senhor anda sempre ocupado com assuntos da mais elevada transcendência; não há bernarda em que não entre, nem revolucionário a quem não conheça; agora então vive sempre pelas grimpas; frequenta a casa do advogado Rocha, já é maçom, e ainda ontem foi duas vezes à casa do ministro José Bonifácio.

**Plácido** - Muito bem, Luciano! Muito bem! Estas amizades fazem a tua glória: vai, meu filho, e continua a proceder como até aqui. (*Tocam cornetas*)

**Prudêncio** - Pior vai ela! Que diabo de tempo em que a cada instante se ouvem os ecos das cornetas e o rufar dos tambores!

**Luciano** - Creio que hoje deve ter lugar algum acontecimento importante; o nosso magnânimo Príncipe está a chegar de S. Paulo; mas...tio Prudêncio, por que não vai saber que novidades há?

**Prudêncio** - Pensa que tenho medo? ... pois vou imediatamente. (*À parte*) Hei de pôr a cabeça na rua; mas, pelo sim, pelo não, deixarei o corpo no corredor. (*Vai-se*)

**Luciano** - Meu pai, procurei um meio de afastar o tio Prudêncio, porque antes de sair preciso dizer-lhe duas palavras em particular.

**Leonídia** - Visto isso, também devemos retirar-nos?

**Luciano** - Por um instante só, minha mãe.

**Leonídia** (*A Plácido*) - Acho Luciano hoje mais sério do que costuma mostrar-se.

**Luciano** (*A Afonsina*) - Afonsina, eu voltarei nas asas do amor.

**Afonsina** (*A Luciano*) - Nunca sem tardar muito para a minha saude.

**Leonídia** - Vem, Afonsina. (*Vai-se*)

**Afonsina** (*À parte*) - E ainda não sei o que contém a caixa nem a sala. (*Vai-se*)

**- Cena III -  
Plácido e Luciano**

**Plácido** - Estamos sós, Luciano, e eu confesso que estou ansioso por saber que espécie de confiança me queres fazer.

**Luciano** - Meu pai, é força que eu lhe dirija uma pergunta, que aliás considero desnecessária. Oh! Por Deus o juro: não duvido, nem duvidei jamais da única resposta que vossa mercê vai dar-me; mas... julgou-se...é essencial que eu a ouça da sua boca.

**Plácido** - Excitas a minha curiosidade e começas a desassossegar-me: Fala.

**Luciano** - Algum dia... vossa mercê se pronunciou contra o Príncipe e contra a causa do Brasil?...Mandou alguma vez socorros ou comunicações a Avilez quando ele esteve na Praia Grande, ou o aconselhou a resistir às ordens do Príncipe?

**Plácido** - Luciano! És tu que me devias fazer uma tal pergunta?

**Luciano** - Não...não...eu bem o sei, eu o conheço, meu pai sinto que o ofendo: mas acredite que era indispensável que eu lhe fizesse esta pergunta, como é indispensável que eu ouça um - não - pronunciado pela sua boca.

**Plácido** - É possível!

**Luciano** - Oh! Responda-me por compaixão!

**Plácido** - Pois bem: pela minha honra, pela honra de minha mulher, pela pureza de minha filha, eu te afirmo que não.

**Luciano** - Obrigado, meu pai! Mil vezes obrigado! Nestas épocas violentas, nestes dias de crise, há às vezes quem duvide da consciência mais pura e da probidade mais ilibada; oh! mas a pátria de seus filhos é também a sua pátria e...oh meu Deus! Que imensa felicidade me inunda o coração! (*Abraça Plácido*)

**Plácido** - Sim! Eu amo o Brasil, como o mais patriota dos seus filhos!

**Luciano** - Tocamos a hora suprema, meu pai! O Príncipe chegará de São Paulo talvez hoje mesmo; a última carta vai ser jogada, e o Brasil será contado entre as nações do mundo. Oh! sinto abrasar-me a chama do patriotismo! O Grito de liberdade e da independência soa já em meus ouvidos e em meu coração! Meu pai, um dia de glória vai brilhar para a minha pátria, e se combate houver, e se nele sucumbir teu filho, não o lamentos, porque morrerei a morte dos bravos, defendendo a mais santa das causas e mais bela das pátrias!

**Plácido** - Sim! Avante! Avante! avante!(*Abraçam-se; soam trombetas*)

Soam de novo as trombetas...Que será?

**Luciano -** A trombeta belicosa  
Chama os bravos à peleja!  
Infame, maldito seja  
Quem recusa combater.

Da liberdade da pátria  
A causa é sagrada e bela;  
É honra vencer com ela,  
Honra por ela morrer.

Quebrar da pátria o jugo  
É dos heróis a glória:  
Às armas, brasileiros;  
A morte ou a vitória!

#### - Cena IV -

**Plácido (Só)** - Como é sublime o grito do patriotismo! Mas esta pergunta que Luciano acaba de fazer-me envolve talvez algum sinistro mistério!...embora! tenho a minha consciência tranqüila; para longe as idéias tristes: o aniversário natalício da minha Afonsina seja todo de alegria e de ventura...e é já tempo de revelar o segredo da caixa e da sala: Leonídia! Afonsina! Então que é isso?...querem ficar lá dentro dia inteiro?

#### - Cena V -

##### **Plácido, Leonídia e Afonsina**

**Leonídia** - Plácido, Afonsina ainda não me deixou sossegar um instante, e quer por força que eu lhe revele o nosso segredo.

**Plácido** - Tens então muita vontade de saber o que encerra esta caixa e que se acha naquela sala?

**Afonsina** - Oh! muita, meu pai... e também para martírio já é bastante.

**Plácido** - Pois bem: eis aqui a chave da sala; abre a porta e olha. (*Dá a chave, Afonsina vai ver*) Que vês?...

**Afonsina** - Um altar!...para que se armou aqui um altar?

**Plácido (O mesmo)** - Abre agora a caixa; aqui tens a chave.

**Afonsina** - Ah!

**Leonídia** - Que encontraste na caixa, Afonsina!...

**Afonsina** - Um vestido...um véu...e uma coroa de noiva...

**Leonídia** - E não sabes a quem devem pertencer?...

**Afonsina** - Minha mãe ...eu não sei...

**Plácido** - Afonsina, minha Afonsina: não te lembrás que ao receber cheio de júbilo o pedido de tua mãe, que nos fez Luciano, eu exigi que o dia do casamento fosse marcado por mim?...Pois esse dia feliz é hoje, hoje, que também é o dia dos teus anos e que será o mais belo da minha vida!

**Afonsina** - Meu pai!...minha mãe!...

**Leonídia** - Estás contente, Afonsina?...Oh! mas tua alegria não excede a que enche o coração de tua mãe!...

**Prudêncio** (*Dentro*) - Então já está descoberto o segredo?... Pode-se cumprimentar a noiva com todos os ff e rr do estilo?

**Plácido** - Sim ...sim...Afonsina já abriu a caixa e a sala.

**Prudêncio** - em tal caso, avança com o meu batalhão...avante, camaradas!

#### - Cena VI -

#### Os precedentes, Prudêncio, cavalheiros e senhoras

**Coro** -  
Salve o ditoso  
Dia propício  
De natalício  
E de himeneu

Salve, mil vezes,  
Noiva adorada,  
Abençoada  
Por Deus no céu

*(Plácido cumprimenta; as senhoras cercam Afonsina, etc)*

**Plácido** - Obrigado, meus senhores, obrigado!

**Prudêncio** - Muito bem! Excelentemente; e agora queira Deus que o encanto do casamento, que põe a cabeça à roda a todas as moças, queira pelo contrário dar à minha sobrinha a única coisa que lhe falta, isto é, o juízo no seu lugar.

**Leonídia** - Mano Prudêncio, você esquece o respeito que deve à princesa da festa.

**Prudêncio** - Pois se eu tenho a cabeça completamente aturdida com os tambores que rufam lá fora, e com os parabéns e alegrias que fervem cá dentro! não sei como hei de haver! Na praça a guerra, que é o meu elemento, e em casa um casamento que e faz encher a boca d'água. Olhe: até me havia esquecido de lhe entregar uma carta, que há pouco veio trazer um criado da nossa prima, a mulher do intendente da polícia.

**Leonídia** - Uma carta do intendente?...Que novidade haverá?

**Plácido** - Aposto que adivinhou o casamento de Afonsina...

**Leonídia** (*Lendo*) - Meu Deus!...

**Plácido** - Leonídia muda de cor e treme!...Que será?

**Prudêncio** - A cartinha, pelo jeito, parece mais um convite de enterro, do que carta de parabéns: quem sabe se não é notícia de alguma bernarda?...Ora, que não se pode ter sossego neste tempo de revoluções!...tomara que eu levasse o diabo a todo o patriota que não é como eu amigo do cômodo.

**Plácido** - Recebeste, por certo, uma notícia desagradável...

**Afonsina** - Minha mãe, que há?

**Leonídia** - Que há de ser?...Minha prima se mostra ressentida, porque não a prevenimos do teu casamento; queixa-se de mim, e declara-se enfadada; mas vou já obriga-la a fazer as pazes comigo; voltarei dentro em pouco; no entanto, minhas senhoras...

**Prudêncio** - As honras da casa ficam por minha conta: minhas senhoras, aquela porta dá caminho para o jardim; aquela, meus senhores, abre-se para uma sala de jogo: às senhoras as flores, aos homens as cartas! Vamos... (*Repetem o canto e vão-se*)

### - Cena VII - Plácido e Leonídia

**Plácido** - Houve há pouco uma pessoa, a quem não conseguiste enganar, Leonidia.

**Leonídia** - Nem tive esse pensamento, meu amigo; lê esta carta; mas lembra-te de que hoje é o dia do casamento de nossa filha: tem coragem e prudência.

**Plácido** (*Lendo*) - "Cumpro um dever de amizade e prevenindo-te de que teu marido foi denunciado como inimigo do Príncipe e da causa do Brasil; o governo toma medidas a esse respeito; o denunciante, cujo nome não te posso confiar, é um moço ingrato e perverso, que deve tudo a teu marido, que o acolheu em seu seio e tem sido o seu constante protetor. Vês bem que este aviso, que te dou, pode, se chegar ao conhecimento do governo, comprometer ao intendente. Fala-se na deportação do senhor Plácido; mas há quem trabalhe em seu favor. Adeus." Infâmia!

**Leonídia** - Silêncio...

**Plácido** - Mas é uma horrível calúnia que me levanta!

**Leonídia** - Sê prudente, meu amigo; convém que não transpire este segredo; eu vou imediatamente falar à minha prima, e conto desfazer toda esta intriga. Deus há de ser por nós..Promete-me ficar sossegado...

**Plácido** - Sim...sim...vai...e sobretudo, e antes de tudo, traze-me o nome do infame caluniador.

**Leonídia** - Hei de trazer-te a alegria, mas não me lembrarei da vingança. (*Vai-se*)

**- Cena VIII -**  
**Plácido e logo Velasco**

**Plácido** - Que abominável trama! Quem será o infame denunciante? (*Lendo*) "...Um ingrato que me deve tudo" Meu deus! Diz-me a consciência que tenho estendido a mão e socorrido a muitos infelizes... Qual seria então dentre esses o que assim me calunia, e me faz passar pó inimigo de um Príncipe heróico e do país abençoado, que me deu felicidade e riqueza! Por inimigo da causa do Brasil, do Brasil, que é a pátria querida de minha mulher e de minha filha!... e é, em tal circunstância, que nem Luciano me aparece? Oh! nem tenho um amigo a meu lado!

**Velasco** - É porque não quer voltar os olhos, senhor Plácido.

**Plácido** - Velasco...senhor Velasco...

**Velasco** - Velasco, dizia bem; pode tratar-me como um filho, pois que tem sido meu pai.

**Plácido** - Obrigado.

**Velasco** - Chamava um amigo seguro: eis-me aqui.

**Plácido** - Mas...

**Velasco** - Senhor, não procuro arrebatar-lhe um segredo; sei que um negro pesar atormenta o seu coração, e que um desejo ardente se agita no seu espírito.

**Plácido** - Como?...que quer dizer?

**Velasco** - O pesar nasceu de uma denúncia caluniosa e malvada: o desejo é de saber o nome do miserável denunciante.

**Plácido** - É isso, é isso mesmo: quero saber esse nome...diga e ...

**Velasco** - Vou dizê-lo, senhor; antes, porém, é força que eu traga à sua memória os benefícios que lhe devo.

**Plácido** - Perderá assim um tempo muito precioso: diga-me o nome do meu denunciante.

**Velasco** - Ouça primeiro, senhor: cheguei, há três anos, da ilha do Faial, minha pátria, e desembarcando nas parias do Rio de Janeiro, achei-me só, sem pão, sem protetor, sem amparo; mas o senhor Plácido condeou-se de mim, recebeu-me em sua casa, fez-me seu caixeiro, deu-me a sua mesa, deu-me o teto que me abrigou, e enfim abriu-me o caminho da fortuna: já estabelecido há um ano, chegarei um dia a ser talvez um rico negociante, graças unicamente ao seu patrocínio. A meus pais devi acidentalmente a vida; ao senhor Plácido devo tudo, tudo absolutamente, e portanto, é vossa mercê para mim ainda mais do que são meus pais.

**Plácido** - Senhor, antes dos pais, Deus, e a pátria somente; mas a que vem essa história?...

**Velasco** - Repeti-a para perguntar-lhe agora se um homem que lhe deve tanto poderia procurar enganá-lo?

**Plácido** - Senhor Velasco, nunca duvidei da sua honra, nem da sua palavra.

**Velasco** - E se eu, pronunciando agora o nome do seu denunciante, quebrar uma das fibras mais delicadas do seu coração? Se...

**Plácido** - Embora...eu devo, eu quero saber esse nome...

**Velasco** - Pois bem: o seu denunciante...foi...

**Plácido** - Acabe...

**Velasco** - O senhor Luciano.

**Plácido** - Mentel!

**Velasco** - Senhor Plácido!...

**Plácido** - Perdoe-me...fui precipitado; mas Luciano...não...não é possível!

**Velasco** - E no entanto foi ele!

**Plácido** - Está enganado: Luciano é a honra...

**Velasco** - Tenho um patrício empregado na polícia, e dele recebi esta confidência: vi a denúncia escrita pela letra do senhor Luciano.

**Plácido** - Meu Deus! É incrível! (*Reflete*) Não... Luciano não pode ser; o noivo de minha filha...o meu filho adotivo...o meu...não, não: é falso.

**Velasco** - Cumpri o meu dever; o mais não pe da minha conta; rogo-lhe somente que não comprometa o meu amigo, que perderia o seu emprego se se descobrisse que...

**Plácido** - Pode sossegar...não o comprometerei; mas Luciano!... com que fim cometeria ele uma ação tão indigna?

**Velasco** - Senhor Plácido, a sua pergunta não é difícil de ser satisfeita: o senhor Luciano há dois dias que não deixa a casa do ministro José Bonifácio: uma deportação pronta e imediata precipitaria o casamento desde tanto por ele suspirado, e ao mesmo tempo deixaria em suas mãos a riqueza imensa do deportado, ficando o segredo da traição oculto nas sombras da polícia.

**Plácido** - Quem poderia acreditá-lo!... Mas... realmente todas as presunções o condenam: há pouco ele tremeu e confundiu-se, ouvindo Prudêncio dizer que o tinha visto ontem entrar duas vezes na casa do ministro: a carta da mulher do intendente diz que o denunciante é um ingrato, que tudo me deve, que eu acolhi em meu seio, é de quem tenho sido o constante protetor... Oh! miséria da humanidade!...oh! infâmia sem igual! Foi ele! O caluniador, o infame; o denunciante foi Luciano!

**Velasco** - Ainda bem que a verdade brilha a seus olhos; mas... não se exaspere: a inocência triunfará e o crime deve ser condenado ao desprezo.

**Plácido** - Ao desprezo? Não: o seu castigo há de ser exemplar: juro, que um ingrato não será o esposo de minha filha; o demônio não se há de unir a um anjo de virtudes: oh! o

céu me inspira ao mesmo tempo o castigo do crime e o prêmio do mérito. Senhor Velasco, há dois meses pediu-me o senhor a mão de minha filha, e eu lha recusei, dizendo que Afonsina estava prometida em casamento a Luciano; pois bem, o motivo da recusa desapareceu: minha filha será sua esposa.

**Velasco** - Senhor...

**Plácido** - Recusa a mão de minha filha?...

**Velasco** - Oh! não, mas a senhora Dona Afonsina ama ao senhor Luciano.

**Plácido** - Aborrecê-lo-á dentro em pouco: minha filha ama somente a virtude, e um ingrato há de inspira-lhe horror.

**Velasco** - Mas eu nem mesmo assim serei amado: e em tal caso...

**Plácido** - Respondo pelo coração de Afonsina; não pretendo coagi-lo...

**Velasco** - Senhor, é a felicidade que me está oferecendo; abre-me as portas do céu: e pensa que eu hesitarei em beijar-lhe a mão, recebendo de sua boca o nome de filho?

**Plácido** - Ainda bem! Oh! Luciano! Luciano! Mal sabes o que te espera!...Senhor Velasco, vá reunir-se aos nossos amigos, e...silêncio. (*Vai para dentro*).

**Velasco** - Acabo de lançar-me em um caminho perigoso; embora: quem não arrisca, não ganha. Se eu perder no jogo, terei pelo menos feito beber fel e vinagre a esse revolucionário que detesto, a esta família estúpida que não me aprecia bastante, e ao senhor Plácido, que, sendo meu patrício, me havia posto de lado para casar a filha e dar a sua riqueza a um brasileiro!... Ânimo! O dia é para mim de jogo forte. Vou jogar. (*Entra*).

### - Cena IX - Afonsina e logo Luciano

**Afonsina** - Como sou feliz! O horizonte da minha vida é um quadro de flores: amo, sou amada; meus pais abençoam o meu amor e meus votos; meus juramento de envolta com os de Luciano vão ser levados ao céu nas asas dos anjos! Oh! Meu Deus! Meu Deus! O coração é muito pequeno para tão grande felicidade.

**Luciano** - Afonsina! Minha Afonsina!

**Afonsina** - Luciano...já sabes...

**Luciano** - Encontrei na casa do intendente nossa mãe, que tudo me disse, e vejo a coroa e o véu de noiva em tua cabeça patenteando a minha glória: oh! de joelhos! de joelhos! Agradecemos a Deus tanta ventura!

**Afonsina** - Sim... sim... é impossível mais felicidade do que a nossa.

**Luciano** - E ainda é maior do que pensas; errarei muito se não é verdade que saudaremos hoje a um só tempo o triunfo sincero do amor e o triunfo heróico da pátria: Afonsina, os cantos de amor vão misturar-se com os hinos da liberdade...

**Afonsina** - Como?

**Luciano** - Creio que um acontecimento grandioso teve lugar. O ministro José Bonifácio acaba de receber despachos e notícias do Príncipe; oh! o meu coração transborda de entusiasmo, e eu espero saudar hoje a pátria da minha Afonsina, como nação livre e independente.

**Afonsina** - Oh! praza ao céu que a glória da pátria venha refletir seus raios brilhantes sobre a pira do nosso himeneu.

**Luciano** - E a pátria será tua única rival; a amada única que terei além de ti!

**Afonsina** - Mas a essa minha rival eu amo, eu adoro também! Nem eu te quisera para meu esposo se não a amasses tanto! A essa minha rival...Oh! meu Luciano, amo-a! adoro-a tanto, como a mim! Ainda mais do que a mim!...

**Luciano** - Afonsina!

**Afonsina** - (*Correndo a abraçar-se*) - Luciano!

- Cena X -

**Os precedentes, e Plácido aparecendo.**

**Plácido** - Separai-vos!...

**Afonsina** - Meu pai!...

**Luciano** - Senhor!...

**Plácido** - Separai-vos, disse: Afonsina, o teu casamento só mais tarde terá lugar, e outro será teu esposo, porque este senhor é...um...infame...

**Luciano** - Infame! Infame!...oh! meu Deus! Eu mataria outro qualquer homem que ousasse dizê-lo!

**Afonsina** - Luciano!... é meu pai!

**Luciano** - Estás vendo que o não esqueci.

**Plácido** - Nada mais há de comum entre nós: o senhor sabe que praticou uma infâmia, e tanto basta. Seja feliz...suba...conquiste posição...honras...fortuna; pressinto que terá um futuro imenso... é hábil...conseguirá tudo, menos ser esposo de minha filha.

**Afonsina** - Meu pai, caluniaram a Luciano.

**Plácido** - Não; foi ele que se desonrou.

**Afonsina** - É calúnia, meu pai!

**Luciano** - Obrigado, Afonsina; juro-te pela nossa pátria, que me faz justiça. (*A Plácido*) Senhor, ninguém no mundo, e nem vossa mercê, é mais honrado do que eu.

**Plácido** - Acabemos com isto (*Falando para dentro*). Venham todos, entrem, senhores!

**Afonsina** - Oh! meu Deus!...Luciano...

**Luciano** - Sossega.

**- Cena XI -**

**Os precedentes, Prudêncio, Velasco, Senhoras, Cavalheiros.**

**Prudêncio** - São horas do casamento?...

**Plácido** - Justiça seja feita!

**Prudêncio** - Justiça! Tenho muito medo desta senhora, porque padece da vista, e às vezes dá pancada de cego.

**Plácido** - Senhores, tenho de cumprir um ato de solene justiça; ouçam-me.

**Afonsina** - Eu tremo!...

**Plácido** - Sejam todos testemunhas do que vou dizer, e do que se vai passar. Senhores, acabo de romper o casamento que devia celebrar-se hoje. O senhor Luciano é indigno da mão de minha filha.

**Prudêncio** - Então como diabo foi isso?

**Plácido** - Esse mancebo, a quem sempre servi de pai desvelado, atraçou-me, feriu-me com a mais perversa calúnia. Esperando, sem dúvida, ficar de posse dos meus bens e riqueza, denunciou-me ao governo como inimigo do Príncipe e da causa do Brasil, e pediu a minha imediata deportação.

**Afonsina** - Luciano? é impossível, meu pai!...

**Prudêncio** - Já não há impossíveis no mundo, minha senhora: e ia esta pombinha sem fel cair nas garras daquele revolucionário!

**Velasco** - (*Á parte*) - Chegamos ao fim do jogo: tenho esperanças de ganha-lo; mas confesso que estou com receio da última cartada.

**Plácido** - A perfídia do ingrato foi a tempo descoberta: espero em Deus não ser deportado; e ainda bem que posso salvar minha filha!

**Prudêncio** - Apoiado! Nada de contemplações...

**Plácido** - E agora, senhores, revelarei a todos um segredo de família, que eu hoje tinha de confiar somente ao senhor Luciano. Sabem os meus amigos que eu tive um irmão querido, meu sócio nos prazeres e nas aflições da vida, e também meu sócio no comércio; a morte roubou-me esse irmão, cuja fortuna herdei, como seu único parente. Pois bem, esse irmão muito amado, ferido de súbito pelo mal que o devia levar em poucos instantes à sepultura, reconhecendo o seu estado, e vendo que se aproximava do transe derradeiro, chamou-me para junto de seu leito e disse-me: "Plácido, sabes que tenho um filho, penhor

de um amor infeliz e ilegítimo; ignorem todos este segredo, e tu recolhe meu filho, educa-o, zela a fortuna que deixo e que deve pertencer-lhe; e se ele se mostrar digno de nós, se for um homem honrado, entrega-lhe a sua herança." Concluindo estas palavras, meu irmão expirou. Senhores, o filho de meu irmão é o senhor Luciano!

**Luciano** - Grande Deus!...

**Afonsina** - É me primo!

**Prudêncio** - Esta é de deixar um homem de boca aberta um dia inteiro!

**Velasco** - (*À parte*) - Complica-se o enredo...e...palavra de honra, creio que isto acaba mal.

**Plácido** - Senhor Luciano, creio que cumpri à risca o meu dever; zelei os seus bens, a sua fortuna, amei-o e eduquei-o como...um filho. Hoje que sou vítima de sua ingratidão, podia guardar para mim a herança que lhe pertence, pois que nenhum documento lha assegura, e todos ignoravam o que acabo de referir: quero, porém, dar-lhe um último e inútil exemplo de probidade. (*Dando papéis*) Eis aqui as minhas contas: pode mandar receber a sua herança; o senhor possui quinhentos mil cruzados.

**Prudêncio** - Este meu cunhado é doido!

**Afonsina** - Como procederá agora Luciano?...

**Plácido** - eis as minhas contas, repito; examine-as e dê-me as suas ordens. Uma última palavra: compreenda que faço um sacrifício falando-lhe ainda, e que estou ansioso por concluir depressa. Senhor, sei que se ufana do nome de patriota; é um belo nome, sem dúvida, e que exprime uma idéia grandiosa; mas não basta ser valente para ser patriota, como ser bravo não é ser honrado. O patriota é aquele que além de estar pronto a dar a vida pela causa do seu país, sabe também honrá-lo com a prática de virtudes, e com o exemplo da honestidade; o patriota prova que o é no campo de batalha, nos comícios públicos, no serviço regular do estado e nos seios da família; em uma palavra, quem não é homem probo, não pode ser patriota. Eis o que pretendia dizer-lhe; agora separemo-nos para sempre: aqui tem as minhas contas, e dê-me as suas ordens. (*Luciano fica imóvel*)

**Afonsina** - Oh! ele não aceita!

**Plácido** - Receba-as, senhor, e deixei-nos em paz. (*Luciano recebe os papéis*).

**Afonsina** - E aceitou...meu Deus!

**Velasco** (*À parte*) - Quinhentos mil cruzados de menos no bolo!

**Luciano** - Vou retirar-me; antes, porém, de o fazer, também direi uma única...e derradeira palavra. Fui condenado sem ser ouvido: transformou-se contra mim a calúnia em verdade, e puniram-me com o insulto e com a humilhação. Curvo-me diante do único homem que o podia fazer impunemente. Senhor, fácil me fora desfazer em um instante todo esse indigno enredo em que me envolveram, mas o meu orgulho me cerra os lábios, e não descerei a desculpar-me; ao insulto seguirá em breve o arrependimento; no entanto...vou retirar-me; esta riqueza, porém, que vossa mercê me atirou ao rosto em um tal

momento...essa riqueza...oh! senhor, um patriota também prova que o é, levantando-se diante do opróbrio...

Oh! vossa mercê definiu perfeitamente o patriota e o homem honrado: deu-me, porém, a definição e não me apresentou o exemplo; pois o exemplo quero eu dar-lho: Ei-lo aqui! (*Rasga os papéis*)

**Afonsina** - É o meu Luciano! Eu o reconheço!...

**Plácido** - Senhor! Despreza a herança de seu pai?...

**Luciano** - Não desprezo a herança de meu pai; revolto-me contra a afronta de meu tio. Riquezas! Eu as terei; a terra abençoada por Deus, o Brasil, minha bela e portentosa pátria, abre ao homem que trabalha um seio imenso repleto de tesouros inesgotáveis; colherei, pois, esses tesouros por minhas mãos, enriquecerei com o meu trabalho, e ninguém, ninguém jamais terá o direito de humilhar-me!

**Prudêncio** - É outro doido! Creio que a loucura é moléstia hereditária nesta família.

**Luciano** - Vossa mercê não será deportado, eu o juro; descanse; mas o seu denunciante, esse...esse miserável que se esconde nas trevas, esse...hei de conhecê-lo e curvâ-lo de joelhos a meus pés, e ...adeus, senhor...Afonsina!...

Afonsina - Luciano!

**Leonídia** (*Dentro*) - Parabéns! Parabéns!

**Plácido** - Leonídia...

**Velasco** (*À parte*) - Pior está essa!...

## - Cena XII - Os precedentes, e Leonídia

**Leonídia** - Plácido!...(Abraça-o) Cheguei tarde, meu amigo, tudo já estava feito: Luciano tinha assinado uma fiança por ti e suspenso a tua deportação...

**Plácido** - Luciano?! perdão, meu filho! Perdoa a teu pai!

**Luciano** - Meu pai! O meu coração nunca o acusou...

**Velasco** (*À parte*) - Chegou o momento de por-me longe daqui...vou sair sorrateiramente...

**Leonídia** - Pois duvidaste de Luciano? dele, que há dois dias só se ocupa de salvar-te?

**Plácido** - Senhor Velasco!... (*Voltando-se*) Devo-lhe o ter feito a meu filho uma grande injustiça; venha defender-me...(Trá-lo pelo braço)

**Velasco** - Segue-se que fui enganado também...palavra de honra...palavra de honra...

**Plácido** - Não jure pela honra...não a tem para jurar por ela...

**Prudêncio** - Mas que alma de Judas foi então o denunciante?

**Leonídia** - Negam-me o seu nome; mas eis aqui uma carta para Luciano.

**Luciano** (*Depois de ler*) - O denunciante...Ei-lo! (*Mostrando Velasco*).

**Plácido** - Miserável!... (*Luciano o suspende*).

**Prudêncio** - Pois vocês caíram em acreditar naquele ilhéu?...

**Luciano** - Sirva-lhe de castigo a sua vergonha: os bons vingam-se de sobra do homem indigno, quando o expulsam da sua companhia...o denunciante é baixo e vil, e o denunciante falsário um abjeto, a quem não se dirige a palavra, nem se concede a honra de um olhar. (*Sem olhá-lo, aponta para a porta, e Velasco sai confuso e envergonhado*)  
Afonsina!

**Plácido** - É tua, meu filho...o altar vos espera...não nos demorem...vamos.

**Leonídia** - Vai, minha filha, vai e sê feliz! (*Abre-se a porta da sala do fundo; os noivos e a companhia vão para o altar: Leonídia só fica na cena, ajoelha-se e ora*).

**Coro** - Nas asas brancas o anjo da virtude  
Os puros votos leve deste amor,  
E aos pés de Deus depositando-os, volte  
E aos noivos traga a bênção do Senhor.

**Afonsina e Luciano** - Minha mãe!...

**Leonídia** (*Abraçando-os*) - Meus filhos!...

**Prudêncio** - Agora ao banquete! Ao banquete! Estou no meu elemento!...(Ouve-se música e gritos de alegria) Misericórdia!...parece toque de rebate...

**Luciano** - Oh! é a feliz nova que rebenta, sem dúvida! Meu pai! Minha mãe! Afonsina! É a Independência...eu corro...(Vai-se)

**Plácido** - Os sinais não são de rebate, são de alegria...

**Leonídia** - E Luciano...se ele se foi expor...

**Afonsina** - Não, minha mãe; meu esposo foi cumprir o seu dever.

**Prudêncio** - Esta minha sobrinha nasceu para general.

### - Cena XIII -

#### Os precedentes, e Luciano ornado de flores

**Luciano** - Salve!salve! o Príncipe imortal, o paladim da liberdade chegou de S. Paulo, onde a 7 deste mês, nas margens do Ipiranga, soltou o grito "Independência ou Morte" grito heróico, que será doravante a divisa de todos os Brasileiros...ouvi!ouvi! (*Aclamação dentro Sim! - Independência ou Morte!*)

**Prudêncio** - Por minha vida! Este grito tem assim alguma coisa que parece fogo...faz ferver o sangue nas veias, e é capaz de fazer de um medroso um herói...O diabo leve o medo!...quando se escuta um destes gritos elétricos, não há, não pode haver Brasileiro, de cujo coração e de cujos lábios não rompa esse mote sagrado... "Independência ou Morte!"

**Vozes** (*Dentro*) - Viva a Independência do Brasil!... Viva! Viva!

**- Cena XIV -**

**Os precedentes e multidão - Homens ornados de flores e folhas; um traz a bandeira nacional. Entusiasmo e alegria. Vivas à Independência.**

**Luciano** - (*Tomando a Bandeira*) - Eis o estandarte nacional; Viva a nação brasileira!...

**Afonsina** - Dá-me essa nobre e generosa bandeira. (*Toma-a*) Meu pai: eis o estandarte da pátria de teus filhos! Abraça-te com ele, e adota por tua pátria a nação brasileira, que vai engrandecer-se aos olhos do mundo!...

**Plácido** - Terra de amor, terra de liberdade, terra de futuro e de glória! Brasil querido! Aceita em mim um filho dedicado!...

*(Aclamações, vivas e o Hino da Independência)*

FIM DO PRIMEIRO E ÚNICO ATO